

Um retrato panorâmico do presente

Saiu no Brasil o segundo volume da impressionante trilogia de Manuel Castells, *A era da Informação*. Impressionante é o adjetivo apropriado pois trata-se de um feito intelectual. Propondo-se a pensar mudanças globais, impôs-se o dever de diversificar as fontes de idéias, rompendo com o hábito ocidental de constituir as outras culturas só como objeto de estudo. Imaginemos o esforço. Castells tinha uma relativa notoriedade na comunidade acadêmica por seus trabalhos em sociologia urbana. A trilogia o fez sair de sua especialidade. O preço foi, segundo sua imagem heróica, viver por mais de 10 anos em uma “selva de livros”. Certamente leu muito para lidar com os múltiplos temas e selecionar fontes de observações e hipóteses teóricas.

Do que quis falar? De tudo o que está acontecendo no mundo. O leitor se familiariza com personagens e lugares da Europa, América, África, e Ásia. Encontra na trilogia uma análise mais aprofundada de temas que ocupam a agenda da mídia: revolução tecnológica, modificações no trabalho, transformações na família, ecologia, massacres étnicos, fundamentalismo religioso, nacionalismo, tráfico de drogas, etc. Superando as mais de mil páginas, o leitor terá acompanhado o surgimento dos chips, visto a renovada popularidade de Deus e chegado à explicação do colapso da União Soviética, passando no caminho pela difusão da prática de sexo oral nos últimos 50 anos.

Por expressões e metáforas, vemos como Castells experimenta a urgência em conceituar o presente. “Pela primeira vez na história” é expressão recorrente nos livros, dando forma ao sentimento de nossa singularidade. Só hoje o mundo vive sob as mesmas regras econômicas, a tecnologia afeta a mente, o patriarcado está em crise, etc. Singularidade acompanhada pela comparação a acontecimentos maiores da história humana. Por exemplo, a Internet e a multimídia terão tanto impacto quanto a invenção do alfabeto. Pior: estamos no “estágio embrionário” de transformações que ocorrem num instante se vistas sob uma perspectiva histórica. Daí o uso freqüente do termo “explosão” para descrevê-las: dá a imagem de mudanças rápidas, de grande alcance e impacto sobre nossas vidas. A trilogia é um retrato panorâmico do mundo vertiginoso

A se acreditar na epígrafe que abre a trilogia, onde Confúcio afirma que não é erudito, só encontrou o fio da meada, Castells não se vangloria de sua erudição, mas de achar os fios que explicam o que estamos vivendo. Três fatores autônomos, surgidos no final da década de 60, respondem pelas mudanças: revolução das tecnologias da informação, a crise do capitalismo e do socialismo com a reestruturação apenas do primeiro na década

de 80 e, por fim, os movimentos libertários que reagiam à autoridade arbitrária e às injustiças ao mesmo tempo em que propunham a busca de novas experiências. Vejamos Castells tramar estes fatores-fios para constituir o tecido do nosso mundo.

O desafio maior da revolução engendrada pelas tecnologias eletrônicas e a engenharia genética é saber por que as inovações são incessantes e interligaram rapidamente o globo. A dinâmica do paradigma industrial baseava-se na descoberta e propagação de novas fontes de energia; o paradigma informacional, diz Castells, é marcado pela invenção de novas tecnologias para processar e transmitir informações. Deste modo, a introdução de novas tecnologias amplia a possibilidade de inventá-las, promovendo uma difusão praticamente imediata e uma dinâmica exponencial. Sendo a informação sua matéria-prima, o novo paradigma perpassa todas as atividades humanas ao afetar nosso pensamento: altera o modo de nascer, aprender, produzir, consumir, sonhar e morrer.

A globalização resultou da conjugação entre revolução tecnológica e reestruturação do capitalismo. Além de permitirem organizar os componentes da produção em escala global e de fazerem da inovação e da flexibilidade as peças-chave da competição entre empresas, as redes de computadores e a transmissão por satélite possibilitaram que a economia mundial funcione como unidade em tempo real. No mercado financeiro, o dinheiro pode ser transferido imediatamente entre bolsas quaisquer do globo. Unificação tecnológica não significa integração. A rede conecta e desconecta lugares e indivíduos de acordo com sua relevância para a dinâmica variável do capitalismo global, às vezes excluindo um continente inteiro, como parece ser o caso da África.

O trabalho foi profundamente afetado por estes movimentos. Além de se caracterizarem pela diversificação de funções e ritmos e pela polarização das desigualdades econômicas, essas mudanças se definem sobretudo pela importância do conhecimento no processo de trabalho dado o impacto das tecnologias de informação. Emerge, para Castells, uma nova clivagem social em substituição à oposição entre capital e trabalho: de um lado, estão os trabalhadores com educação ampla e prolongada, capazes de se reprogramar diante das mudanças e cosmopolitas em termos de mobilidade espacial e de crenças; de outro lado, aqueles que, por sua formação reduzida, encarregam-se de trabalhos genéricos, necessários coletivamente, mas dispensáveis individualmente, podendo ser contratados em qualquer lugar do mundo ou substituídos por máquinas.

A globalização e as tecnologias de informação criam, para Castells, a “cultura da virtualidade real”. A TV por assinatura e a Internet reforçam a clivagem de educação, tornando-a também cultural: de um lado, estará a elite conectada à rede e com educação

suficiente para selecionar seus circuitos multidirecionais de comunicação; de outro, estarão os desconectados, receptores de informação limitados a selecionar entre opções pré-empacotadas. E nossa cultura gera a realidade virtual por que faz das aparências nas telas de computador e TV a própria experiência. Cada vez mais estamos expostos à mídia e, à diferença de outras culturas, estão em crise as instituições e personagens que separam o real do imaginário, o prazer do bem comum, o sério do jogo. Se tudo pode ser traduzido em informação, educação, religião, política, arte, entretenimento, narrativas pessoais, pornografia, em suma, todas as mensagens encontram espaço na tela acolhedora. Se o meio é a mensagem, a indiferenciação é o resultado. O apresentador Ratinho condensa as figuras do padre, médico, educador e político; qualquer uma destas figuras, para ter sua mensagem difundida na TV, deverão a ele se assemelhar.

A difusão de fluxos globais de capital, informação e imagem não só gera miséria, mas também perda de sentido. Para grupos e indivíduos, construir sua identidade torna-se tarefa dramática e inevitável. O novo funcionamento midiático, ao indiferenciar mensagens, destitui de autoridade as instituições que se encarregavam de fixar o sentido para os indivíduos. Ao mesmo tempo, não se pode mais construir uma identidade nem com referência a costumes, pois o lugar perde peso na construção da sociabilidade diante dos fluxos globalizados, nem com referência a funções no trabalho dados os efeitos conjugados do novo paradigma tecnológico e da reestruturação do capitalismo.

Os movimentos libertários de maio de 68 participaram ativamente desta nova configuração do mundo. Mesmo derrotados, suas idéias ressoaram e permaneceram na ecologia, no feminismo, na defesa dos direitos humanos, na liberação sexual e na igualdade étnica. Seus efeitos, porém, são maiores que a simples reformatação do sonho Iluminista. Contribuíram para a constituição do paradigma tecnológico que privilegia o uso descentralizado da tecnologia. Facilitaram a reestruturação do capitalismo ao se separarem da esquerda tradicional, diminuindo o poder dos sindicatos. Sua abertura cultural favoreceu a experimentação com a manipulação de símbolos, aprofundando a indústria do entretenimento e participando, deste modo, da implantação de uma cultura da virtualidade real. Ampliaram a incerteza individual ao porem em crise a família.

Os valores dos movimentos libertários tornaram-se aqueles da elite cosmopolita; já os grupos marcados pela incerteza econômica e simbólica, destituídos de informação, recursos e poder, ao cavar suas trincheiras contra a globalização, recorreram exatamente aos valores “eternos” que os movimentos libertários questionavam: Deus, família e nação. Reinventam a tradição para resistir à globalização. Sua lógica amplia o terror:

excluídos, lutam para excluir aqueles que os excluem. Nota-se a referência à tese de Marx sobre a emergência do socialismo: os expropriados expropriarão os expropriadores. Ao invés do sonho de igualdade, fraternidade e liberdade, a exclusão dos que excluem molda nosso pesadelo concreto de guerras religiosas, étnicas e nacionalistas. A exclusão recíproca entre a rede e os movimentos defensivos de identidade responde pelo alastramento da miséria e da violência no mundo.

Reconstituímos, enfim, o tecido esgarçado proposto por Castells para vestir nosso mundo. De um lado, a rede, globalizando informação, capital e imagens, com suas conexões móveis e excludentes econômica e culturalmente; de outro, a maior parte da população que, além de não ter flexibilidade diante das mudanças aceleradas, perde seus circuitos de proteção e a possibilidade de ação política, é marcada pela incerteza estrutural e procura apoio simbólico em idéias de religião, família, pátria e raça.

O livro constata um mundo em catástrofe se continuar valendo a lógica da exclusão recíproca. Afasta-se, portanto, das profecias da redenção tecnológica ou do fim da história pelo triunfo do capitalismo. Dada a nova clivagem social, o caminho de resgate da esperança estaria na construção de políticas culturais. Para Castells, vivemos em um mundo superdesenvolvido tecnologicamente, mas subdesenvolvido social e culturalmente. O sonho Iluminista torna-se palpável; contudo, a exclusão recíproca dele nos distancia. Sua concretização dependeria de o feminismo e a ecologia atingirem uma amplitude semelhante à conquistada antes pela luta dos trabalhadores. Escaparíamos então à lógica excludente da rede ao reorientar o desenvolvimento tecnológico. O princípio de eficácia hoje dominante vincular-se-ia ao patriarcado e à dominação da natureza. Vitoriosos a ecologia e o feminismo, redistribuiríamos a renda, afirmaríamos a comum pertinência de todos os seres vivos e a solidariedade entre gerações. Também reagem à globalização, mas pressupõem uma identidade cosmopolita e democrática.

A amizade de longa data entre Castells e nosso presidente e primeira-dama, que prefaciaram, respectivamente, o primeiro e o segundo volumes, dá à leitura do livro uma conotação política singular. Para alguns, sua leitura significa gesto de adesão. O tom apologético das passagens onde comenta o governo do amigo coloca, porém, um dilema simples: ou Castells redigia a publicidade do governo FHC, ou não foi amplo na seleção de suas fontes. Eis o que diz sobre os desafios do Brasil: “com o bloqueio das reformas pela aristocracia trabalhista e pelos políticos populistas, e com as elites empresariais arraigadas em uma tradição de reivindicação de subsídios governamentais e exportação ilegal de lucros, as chances de sucesso são incertas” (vol. 1, p. 148). Desde a

desvalorização do real, duvidamos da eficácia e justiça das reformas, pensamos que os obstáculos não estavam na “aristocracia trabalhista” e que populismo foi manter uma moeda valorizada e sua bolha de consumo elitista para assegurar a reeleição.

A trilogia é uma obra de referência útil a um público amplo. Embora volumosa, permite recortes modulares de acordo com o interesse do leitor. Cada capítulo pode ser considerado uma breve monografia sobre um tema. Os argumentos gerais aparecem nos prólogos e conclusões de capítulos e livros. Por sua vocação enciclopédica, o livro desperta o rancor do especialista, que resente a invasão de seu campo por uma visão sintética usualmente competente. Mas se aceitar o convite de Castells, enriquece sua perspectiva pelo enquadramento do campo em um panorama.

Há limites. Um é não aprofundar temas decisivos à sua argumentação. Destacam-se a escassez de comentários sobre a flutuação das moedas. Embora diga que “o capital financeiro hoje coloniza o futuro”, não extrai daí a importância de seus movimentos como instrumento na luta política entre Estados-Nação e fonte de incerteza estrutural. Um panorama é apenas um retrato; não há tampouco o cuidado de articular as mudanças aceleradas com a inserção em uma narrativa histórica. Esta ausência é transparente na permanência de uma visão onde a tecnologia aumenta a riqueza, a dificuldade consistindo em distribuí-la. Mesmo mostrando que a tecnologia transforma a experiência por afetar a mente, acaba delimitando as questões éticas que provocam à alternativa simplista entre subdesenvolvimento social e superdesenvolvimento tecnológico. Enfrentar estas questões implica considerar que o efeito mais profundo do novo paradigma tecnológico é nos obrigar a “transformar as categorias sob as quais pensamos todos os processos”, repensando então o que é o pensamento humano e sua história. A trilogia destaca-se como síntese e não pelas inovações teóricas.